

A economia e a palavra de Deus

ROBERTO MENDONÇA

10 JUL 1993

A primeira crise econômica documentada no curso da história da humanidade é relatada na Bíblia em Gênesis 12-10 e 41-57. Fala de um episódio dramático: longos anos de estiagem, escassez e fome no Egito e a nomeação de José (Hebreus), com um perfil bem próximo ao de Jesus, para exercer a função de governador-geral daquele país. Depois de interpretar os sonhos do faraó, de que haveria, nos anos subsequentes, sete anos de prosperidade e sete anos de escassez, soube conjugar os aspectos econômicos e religiosos, encontrando saídas, construindo grandes silos para a armazenagem das safras nos períodos de fartura, para serem consumidas a partir do oitavo ano, quando estava previsto o início das estiagens. Faraó exigiu dos seus oficiais superiores e do seu povo obediência ao governador José, ungido do Senhor. Através dele, o Senhor mostrava a sua misericórdia... "Também o Senhor dará o que é bom, e a nossa terra produzirá o seu fruto e a justiça irá adiante dele, cujas pegadas ele transforma em caminhos" Sl 85.

Deus quis mostrar ao povo egípcio e a seu faraó mergulhados no obscurantismo, no ocultismo, na idolatria e na incredulidade que os levou à degradação, à miséria e à fome, que a presença de um homem temente a Deus à frente do Governo poderia mudar os rumos dos acontecimentos daquele país, restabelecendo a justiça, a riqueza e a prosperidade. Porém os egípcios não entenderam a mensagem, persistindo até os nossos dias na idolatria, no ocultismo, mergulhados nas trevas de um atraso milenar.

A crise econômica brasileira pode ser vista como um fenômeno que perturba, destrutura e corrói todos os segmentos da sociedade — moral, religioso, político e econômico: ficando cada vez mais ineficaz a atividade reguladora da economia, ligada à produção, distribuição, trocas, remuneração dos fatores de produção, envolvendo transportes, uso da terra, matérias-

primas, estocagem, emprego e remuneração do capital. São afetados em maiores proporções à medida que a crise se prolonga, desestabilizando a sociedade com riscos sérios de subversão da ordem. Constituindo-se muitas vezes em ameaças à manutenção da existência das instituições públicas.

No período pós-industrial, a primeira crise econômica registrada ocorreu na Inglaterra, no ano de 1825. A primeira crise econômica do Egito se caracterizou pela escassez e insuficiência de bens e víveres. Ao contrário, depois da revolução industrial, ali onde a produção mecanizada torna-se predominante, as crises decorriam já não mais da escassez, mas da superprodução em relação à capacidade de absorção da demanda. De lá para cá, a humanidade soube administrar dezenas de crises que atingiram os Estados Unidos, a Alemanha, a Inglaterra, a França e o Japão, movidas pela superprodução.

Na história econômica recente: em 1973, a Guerra Israel x Egito deu início à crise econômica brasileira, que em setembro completa vinte anos. Provocada pelo corte de fornecimento de petróleo, com efeitos imediatos na geração de energia, indústrias, produção de alimentos, trabalho, salários, etc... No bojo dessa crise, nasce o pró-álcool que significou despovoação rural (êxodo rural) e conseqüente superpopulação urbana, que beneficia a poucos em detrimento de milhões de brasileiros com o surgimento, em grande escala no País, do subemprego, submoradias, favelas, invasões, criando uma "população inchada" nas periferias dos grandes centros urbanos. Projeto distanciado e divorciado da vontade e da orientação de Deus. Na economia divina é muito mais importante dar do que receber. Não seria um pró-álcool que beneficiaria poucos em detrimento de muitos milhões de brasileiros, provocando ainda a escassez de alimentos, ocupando as terras que outrora se constituíam nos grandes celeiros da produção

de alimentos, elevação dos custos de matéria-prima com graves reflexos no "gatt" inflacionário. A saída da presente crise passa obrigatoriamente pela revogação do pró-álcool. É o egocentrismo, o Eu dominante, centralizador das riquezas, em prejuízo da melhor distribuição da renda nacional. Disse Jesus — "são estas coisas que contaminam o homem". "Na expressão de Jó (I) 5-19: "O mundo jaz no maligno".

A tônica que move e alimenta as crises são ganância e a usura. Assim agem todos em todas as esferas do setor público e privado. Este se constitui num dos maiores obstáculos para se chegar a uma melhor distribuição de riquezas e de rendas.

"Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor" Sl 33-12. Por outro lado, a Nação brasileira está afundada na idolatria. Como está escrito na Bíblia em Ex. 20: Sl 115 e Isa 2.8 — "Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura, nem semelhança alguma do que há nos céus, nem embaixo da terra, nem nas águas debaixo da terra. Não adorarás nem lhes darás culto: porque eu sou o Senhor teu Deus. Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome da glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade: nós, porém, bendiremos o Senhor desde agora e para sempre. Aleluia! Também está cheia a tua terra de ídolos. Adora a obra das suas mãos, aquilo que os seus próprios dedos fizeram".

Se não for mudado o contexto religioso nos próximos anos, a tendência é a crise econômica brasileira se agravar.

A reversão da tendência de agravamento da crise econômica brasileira é possível, a partir do momento em que o nosso Senhor Jesus Cristo seja proclamado Senhor de toda a Nação brasileira.

■ Roberto Mendonça é professor, escritor e doutor em Economia